



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão  
de abertura da 2ª Cúpula América do Sul-Países Árabes**

**Doha - Catar, 31 de março de 2009**

Sua Majestade xeique Hamad Bin Khalifa Al-Thani, emir do estado do  
Catar

Excelentíssimos senhores chefes de Estado e de Governo árabes

Excelentíssima senhora Michelle Bachelet, presidente da República do Chile e  
presidente da União de Nações Sul-Americanas (Unasul)

Excelentíssimos chefes de Estado sul-americanos

Senhor Amr Moussa, secretário-geral da Liga dos Estados Árabes

Senhoras e senhores participantes da 2ª Cúpula América do Sul – Países Árabes

Senhoras e senhores integrantes da imprensa

Meus amigos e minhas amigas

Com especial satisfação estamos hoje em Doha para retomar o diálogo pioneiro  
que iniciamos há quatro anos em Brasília.

Temos agora o desafio de aprofundar o ambicioso compromisso que assumimos  
naquela ocasião. Queremos dar passos concretos e duradouros para consolidar a  
cooperação entre o Mundo Árabe e a América do Sul.

Estamos reduzindo distâncias físicas, aproximando visões de mundo e  
integrando povos e culturas. Para isso, fortalecemos o intercâmbio econômico  
e comercial, estabelecemos ligações aéreas, lançamos projetos de cooperação  
técnica no combate à desertificação e vamos construir a Biblioteca Aspa, em  
Argel. Paralelamente, teremos em Tanger um centro de pesquisas sul-  
americano.

Vamos aproveitar a complementaridade entre nossos países para  
explorar as possibilidades de uma economia que cada vez mais se



internacionaliza. O crescimento acelerado do intercâmbio birregional confirmou o que já sabíamos: o enorme potencial do comércio Sul-Sul. Entre a América do Sul e os países árabes, as trocas saltaram de US\$ 11 bilhões em 2004, para US\$ 30 bilhões no ano passado, um aumento de 170% em somente quatro anos.

No momento em que o protecionismo ameaça ressurgir, queremos construir espaços econômicos que assegurem uma prosperidade compartilhada. Em 2004 anunciávamos a emergência de uma nova geografia econômica e comercial no mundo. O que era uma incipiente realidade naquele momento, hoje, com a crise mundial, se transforma em imperiosa necessidade. Por isso, o Mercosul está negociando acordos de livre comércio com o Conselho de Cooperação do Golfo, o Egito, a Jordânia e acordo de preferências tarifárias com o Marrocos.

A América do Sul está reagindo à crise mundial com confiança e ousadia. Estamos multiplicando os projetos de investimento, na certeza de sairemos da crise mais fortes.

Os empresários reunidos aqui em Doha saberão aproveitar as grandes possibilidades de negócios exploradas no II Foro Empresarial da Aspa.

Senhoras e senhores,

A crise global que vivemos lançou o mundo em um período de profundas transformações e de quebra de paradigmas. Os países em desenvolvimento não podem dividir-se. Têm de organizar-se em defesa de seus interesses comuns.

Na América do Sul estamos avançando em projetos de integração regional que vão além da criação de um espaço econômico continental. Queremos que a articulação de nossa diversidade seja um fator de multiplicação de nossa força.



Queremos realizar todo o potencial de uma região com enormes reservas energéticas, agrícolas e minerais. Para isso devemos prosseguir no esforço que estamos fazendo para reduzir as assimetrias sociais e regionais.

O Mundo Árabe também ganhou consciência de que é imperativo realizar o potencial de uma região unida por língua, história, e que ocupa importante localização estratégica no mundo. Suas riquezas têm de ser um fator de prosperidade, nunca um pretexto para ingerência e dissensão.

Senhoras e senhores,

Em poucos dias, a Cúpula do G-20 se reúne, em Londres, para enfrentar uma crise econômica sem precedentes, em muitas décadas. O mundo estará atento para saber se a América do Sul e os Países Árabes serão capazes de propor medidas que evitem que uma crise financeira se transforme em um terremoto social e político. Essa crise impacta mais duramente os países pobres e as populações carentes, os mais vulneráveis à crise e os menos responsáveis por ela.

Temos uma extraordinária oportunidade de apresentar propostas consistentes para a reforma da governabilidade global. Representados pela Arábia Saudita, Argentina e Brasil, nossas regiões devem levar daqui uma mensagem forte e clara.

Defendemos o papel estratégico do Estado no caminho do desenvolvimento e do bem-estar coletivo. A regulação e transparência das transações financeiras devem servir de bússola para os novos tempos. É preciso que os organismos multilaterais sejam capazes de irrigar a economia mundial com os créditos necessários para dinamizar o comércio mundial e reativar os investimentos.

Nenhum país conseguirá superar a crise com ações isoladas. Sem solidariedade e espírito de cooperação, não colocaremos em prática ações coletivas e coordenadas indispensáveis.



Medidas de estímulo das economias não devem redundar em práticas protecionistas, que somente agravarão a turbulência, exercendo um efeito dominó difícil de reverter.

Por isso, defendemos a conclusão da Rodada Doha, de forma a garantir para os países agrícolas pobres a possibilidade de fazer do comércio um motor de desenvolvimento. Nada mais apropriado do que defender a conclusão da Rodada nesta cidade, onde foi lançada com tantas esperanças há quase oito anos.

Não construiremos uma arquitetura global mais justa sem a reforma dos organismos internacionais. Somente assim os países que mais contribuíram para a crise financeira, para a degradação ambiental, para os desequilíbrios no comércio e para a insegurança coletiva assumirão suas responsabilidades. Somente assim os países em desenvolvimento terão voz e representação adequadas.

Meus amigos, minhas amigas,

A necessidade de reordenar o sistema de tomada de decisões é especialmente urgente no Oriente Médio. Não podemos ficar insensíveis ao sofrimento do povo palestino. Não é possível que depois de tantos anos de negociações, freqüentemente interrompidas por ações militares, não tenhamos ainda um Estado palestino coeso e economicamente viável. É importante que o novo governo de Israel se engaje firmemente no processo de paz, com base nos acordos anteriormente alcançados e no plano árabe de paz. Por essa razão continuarei a defender, como fiz na Assembléia Geral das Nações Unidas de 2006, a convocação de uma conferência de paz com ampla representação, que inclua países em desenvolvimento.

Aplaudimos também os esforços para a reconciliação interpalestina. Não haverá solução para os graves problemas do Oriente Médio sem a participação de todos os atores relevantes. A reunião de Annapolis foi um primeiro passo na direção de um debate transparente e democrático sobre os rumos da paz na



região. Precisamos lograr soluções que permitam reunir todas as partes envolvidas nos conflitos que sacodem o Oriente Médio, respeitadas as resoluções das Nações Unidas e o Direito internacional.

Mas há também um grande trabalho de combate a teses e mitos que procuram envenenar a atmosfera mundial. Depois dos atentados do 11 de setembro de 2001 não faltaram aqueles que imaginaram a existência de uma incompatibilidade entre o Islã e os valores da democracia. Postularam um choque de civilizações que ignorava a contribuição incalculável da tradição de tolerância árabe para a preservação da cultura clássica, ao longo de séculos.

A Aspa, que reconhece o valor da cultura árabe para o mundo, nos ajudará a fazer renascer essa verdadeira aliança de civilizações. Esse é o ambicioso propósito que nos trouxe aqui hoje. O Catar está de parabéns por patrocinar essa empreitada, ao sediar esta Cúpula.

Esses gestos confirmam que não nos deixamos vencer nem pela distância nem pelo ceticismo daqueles que duvidavam de nossa capacidade de trabalhar juntos. Prevaleceu a determinação de romper padrões e paradigmas para aperfeiçoar um diálogo pioneiro entre duas regiões que desejam construir um mundo à imagem de suas melhores tradições de entendimento e de solidariedade.

Muito obrigado.

(\$211B)